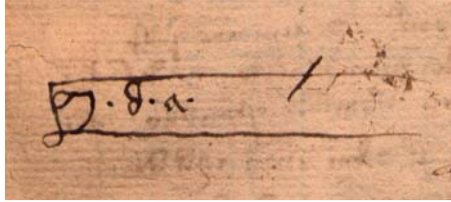


Assinatura do infante D. Henrique
 Actas das Cortes de Torres Novas
 1438
 Lisboa, Torre do Tombo
 Inv. Coleção São Lourenço, liv. 1, fol. [5v]
 PT/TT/CSL/1



MANOEL FERNANDEZ
 Livro de Traças de Carpintaria
 1616
 DGPC/Biblioteca da Ajuda
 BA. BA.52. XIV. 21
 Digitalização: Biblioteca da Ajuda



O Infante

Aos 14 anos ganhou Casa; aos 17 obteve o senhorio de Viseu; aos 21 foi o herói da jornada de Ceuta, foi armado cavaleiro e recebeu o título de duque de Viseu; aos 22 foi-lhe confiado o governo de Ceuta; aos 26 recebeu a Ordem de Cristo; aos 30 anos ganhou o monopólio das saboarias do reino; aos 36 era o protector da Universidade; aos 39 tornou-se senhor do arquipélago da Madeira e obteve o exclusivo da pesca do atum; aos 40 anos recebeu Gil Eanes com a notícia da passagem do cabo Bojador; aos 43 sofreu uma derrota humilhante em África, às portas de Tânger; entre os 45 e os 47 foi o sustentáculo da regência do infante D. Pedro; aos 49 recebeu a doação de Gouveia e a do cabo de São Vicente e Sagres, e recebeu ainda o exclusivo do comércio e da navegação a sul do cabo Bojador; aos 52 anos assinou pela primeira vez documentos estando na “minha vila”, em Sagres; aos 55 anos figurou na batalha de Alfarrobeira; aos 59 recebeu a vila de Lagos; aos 63 obteve a alcaidaria-mor de Silves por troca com o senhorio de Gouveia; aos 64 participou na conquista de Alcácer-Ceguer; faleceu em Sagres, quando tinha 66 anos de idade. O poder do duque de Viseu era enorme e diversificado; a corte ducal geria um pequeno estado dentro do reino, que lhe dava poder económico e militar.

O Desconhecido e o Fantástico

Monstros mqrinhos
 SEBASTIAN MÜNSTER (1488-1552)
 Cosmographie, das ist Beschreibung aller Lander
 Basel, Sebastian Henric-Petri
 1598
 Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal
 Inv. RES. 2096



“[Diziam os mareantes] que depois deste Cabo [Bojador] não há aí gente nem povoação alguma; a terra não é menos areosa que os desertos da Líbia, onde não há água, nem árvore, nem erva verde; e o mar é tão baixo, que a uma légua de terra não há fundo mais que uma braça. As correntes são tamanhas, que navio que lá passe, jamais nunca poderá tornar. E portanto os nossos antecessores nunca se antremeteram de o passar.”

Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Guiné*, cap. VII

A Revolução Geográfica

A acção política do infante D. Henrique bastava, só por si, para o tornar numa figura famosa da História de Portugal, mas a invenção dos Descobrimientos elevou-o à dimensão de protagonista da História Universal.

O início da navegação para lá dos limites seculares da Cristandade foi o resultado da vontade de D. Henrique. Os cronistas referem mesmo os “murmúrios” das pessoas que não compreendiam a sua teimosia em enviar os homens a tentarem uma viagem tida por impossível. A passagem do Bojador constituiu um momento dramático da História, pois suscitou uma mudança radical e irreversível na relação da Humanidade com o Planeta, abrindo caminho à Globalização.

D. Henrique não se limitou a triunfar sobre o Bojador. Depois organizou os serviços da sua Casa de modo a desenvolver a arte de navegar, com a criação de um novo navio e o aperfeiçoamento de múltiplos objectos para orientação, ao mesmo tempo que procurava adaptar os seus homens às diferentes realidades que iam encontrando. E nunca se contentou com as terras achadas e ordenou sempre, até à morte, que as caravelas continuassem a ir mais além-*usque ad indos* [até à Índia].

Um Grande Elogio



Gian Francesco Poggio Bracciolini (1380-1459)
 PAOLO GIOVIO (1483-1552)
 Pauli Iovii Novocomensis episcopi Nucerni Vitae illustrium virorum
 Basilia, Petri Perna Typographi
 1578
 Pitts Theology Library
 Inv. 1578Giov1
 Digital Image Archive

“Há largo tempo já que tenho ouvido de muitos Portugueses a mim ligados por laços de amizade, ao questionar sobre os teus feitos, que tu, movido por uma certa grandeza de alma e impellido como que por um estímulo de coragem, te fizestes ao mar, com umas quantas trirremes, ao longo das mais remotas praias do mar oceano; e que nele avançaste até onde ninguém de entre os antigos, nem imperador nem rei, ouvimos contar ou ler que tivesse penetrado. Dizem de facto, que passaste para além do meridiano de África e que chegaste, mesmo, até aos territórios etíopes. Tais feitos são, não apenas merecedores de admiração, em razão da enorme violência do mar oceano e das furibundas vagas de tempestades, como também dignos de ser celebrados com universal júbilo, graças à novidade das coisas que de tais partes são trazidas.”

Carta de Poggio Bracciolini ao infante D. Henrique, c. 1448
 Poggio Bracciolini, *Lettere*, ed. Helen Harth, Vol. III, pp. 88-90
 Monumenta Henricina, vol. IX, pp. 299-303 (tradução de Carlos Ascenso André)

Talant de bien faire

“Vontade de fazer bem”. Assim podemos traduzir a divisa escolhida pelo infante D. Henrique para nortear a sua vida. É um mote que revela uma personalidade determinada e ambiciosa, e um carácter incansável e implacável.

É certo que Henrique falhou às portas de Tânger, mas de resto a sua vida caracterizou-se por um enorme acumular de riqueza e de poder e por um empenho pessoal no crescimento da sua Casa, na pacificação da família e do reino. Sobreviveu a todas as crises porque teve sempre lucidez para escolher o campo certo. Meticuloso, perspicaz e defensor da ordem jurídica, foi um dos barões mais influentes do seu tempo e viu todos os governantes recompensarem-no principescamente.

O mundo conhecido não lhe chegou e quis saber mais e ganhar novas riquezas, e convenceu os seus homens a vencerem o medo do mar. Influenciados pelo infante, marinheiros, pilotos, carpinteiros, cartógrafos e soldados uniram-se num projecto revolucionário e tiveram talento para o fazer bem. E assim abriram uma nova página na História da Humanidade.

Não sabemos exactamente qual foi a motivação que levou o jovem D. Henrique a escolher por divisa esta vontade de fazer bem, mas a intuição juvenil assentava numa força indomável que só sossegou quando o corpo expirou, em Sagres, a 13 de Novembro de 1460.